

(Texto para o prefácio do livro sobre)
Centenário nascimento Messiaen.

No ano de 2008, a Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa/Porto quis celebrar os 100 anos do nascimento de Olivier Messiaen (1908-1992, França), executando a obra integral para órgão e organizando uma mesa redonda, além de ter colaborado em várias iniciativas realizadas por outras entidades.

O sagrado está a ser paulatinamente expulso do nosso quotidiano, como o está a ser o mistério, como o está a ser o silêncio. Assistimos à invasão do ruído, do movimento acelerado, da vertigem, da invisibilidade. Tudo se vê, pouco ou nada se sabe. Tudo se ouve, pouco ou nada se conhece. Estamos informados acerca de tudo e talvez nunca tenhamos tido tanta percepção de que tão pouco conhecemos sobre o que se passa. A actualidade de Messiaen reside nesta sua capacidade intemporal para provocar o encontro com o sagrado, o mistério, a música e o silêncio. Por isso, a escola das Artes da Universidade Católica não podia faltar à chamada.

Em termos metafóricos relembro aqui apenas um dia na vida de Messiaen, o dia 15 de Janeiro de 1941. Passa-se em Gorlitz, na Silésia. Messiaen tinha 32 anos e estava detido pelos nazis. Durante vários meses tinha composto uma obra sobre o fim dos tempos, inspirado na passagem do Apocalipse (de S. João):

"Eu vi um anjo pleno de força, descendo do céu, revestido de uma nuvem, tendo sobre a cabeça um arco-íris. O seu rosto era como o sol, seus pés como colunas de fogo. Pousou o seu pé direito sobre o mar e o seu pé esquerdo sobre a terra, e, mantendo-se sobre o mar e sobre a terra, elevou a mão para o Céu e jurou por Aquele que vive pelos séculos dos séculos, dizendo: não haverá mais Tempo: mas no dia da trombeta do sétimo anjo, o mistério de Deus se consumará." (Ap.10, 1-ss.). Hoje, dia 15 de Janeiro, é o dia da apresentação pública do seu trabalho, dentro do campo de detenção. O comandante de campo, os seus colaboradores e guardas e mais de quatrocentos prisioneiros juntam-se para ouvir Messiaen e três instrumentistas também detidos, um violoncelo, um violino e um clarinete.

Não haverá mais Tempo, diz o anjo do Apocalipse.

Ao som de "suaves cascatas de notas azuis e malva, douradas e verdes, vermelho violeta e laranja azulado, dominadas por cinzentos metálicos", no dizer de Messiaen, entramos na eternidade. Mesmo sob a fome e o frio, dentro de uma prisão, tendo como cenário mais provável a morte, é possível chegar ao fim do tempo, deste tempo aterrador. Tudo está em todos. Todos estão em tudo. Nada separa nada. Por mais que a guerra ilumine as mentes e perverta os corações. Uma nova terra está iminente.

Diante da guerra e do ódio, da morte e do fim, chegou o fim dos tempos, chegou um reino de paz e justiça, a terra onde correrá leite e mel, as crianças brincarão com as serpentes e os cordeiros dançarão com os lobos. O "Quarteto para o fim dos tempos" termina com um hino à imortalidade. Messiaen diz que esse novo tempo já chegou!

Esta será a mais forte e a mais profunda das declarações, pois afinal, para Deus um dia são como mil anos e mil anos são como um dia. Ele tem o tempo todo e a máxima paciência para a máxima misericórdia. A morte no campo de concentração de nada vale, vista como vitória suprema do mal (nazismo), simplesmente porque outro tempo foi inaugurado e está ali à mão e ao ouvido, em "suaves cascatas de notas azuis e malva, douradas e verdes, vermelho violeta e laranja azulado, dominadas por cinzentos metálicos", o tempo da paz e da justiça.

Messiaen ao piano e os seus três companheiros ao violino, violoncelo e clarinete tocam os primeiros sete andamentos em torno dos setes dias da criação. Ao sétimo, Deus descansa. “Sete é o número perfeito, a criação de seis dias santificada pelo sabbat divino; o sete deste repouso prolonga-se na eternidade e torna-se o oito da luz indefectível, da inalterável paz”, diz Messiaen. Acabou o tempo, com a Ressurreição de Cristo. Nesse dia chegou o fim dos tempos de morte! O anjo assim o proclama e começa a eternidade!

Uma enorme liberdade interior percorre os quatro músicos e transmite-se a muitos corações que os ouvem em silêncio.

Messiaen dirá mais tarde qual o segredo desta transcendente esperança: “ a maior gratificação que retirei dele (do quarteto) foi que no meio de trinta mil prisioneiros eu era o único que não o era.” Pouco antes de morrer em 1992, dirá “nunca ninguém me escutou com tanta atenção e compreensão”. E esta verdade ainda hoje percorre o globo terrestre e tantos milhares de seres humanos ouvem em silêncio o “Quarteto para o fim dos tempos”

Um hino à Fé, à importância de acreditarmos, seja a motivação de cada um religiosa, existencial ou política.

Compreende-se, por isso, o nosso propósito de continuar, com esta publicação, a gerar a inquietação, a provocar pequenas grandes inundações de música e de silêncio. O meu muito obrigado a todos os autores e a todos os que colaboraram na preparação desta obra. Que ela seja fértil em motivações para continuar a ouvir Messiaen e, para isso, a fazer silêncio.

Joaquim Azevedo